

1

O comboio avançava a um ritmo colérico, irregular. Tinha de fazer paragens cada vez mais frequentes em estações cada vez mais pequenas, onde aguardava um instante com impaciência, antes de atacar novamente a pradaria. Mas o progresso era impercetível. A pradaria limitava-se a ondular, como um vasto cobertor castanho-rosado, casualmente sacudido. Quanto maior a velocidade do comboio, mais frenéticas e trocistas as ondulações.

Guy afastou os olhos da janela e recostou-se para trás no assento.

Na melhor das hipóteses, Miriam tentaria protelar o divórcio, pensou. Talvez nem quisesse o divórcio, apenas dinheiro. Alguma vez se conseguiria divorciar dela, realmente?

Apercebeu-se de que o ódio começava a paralisar-lhe o pensamento, a transformar em becos sem saída os rumos que a lógica lhe apontara em Nova Iorque. Conseguia já sentir a presença de Miriam, não muito distante, rosada e sardenta, irradiando uma espécie doentia de calor, como a pradaria lá fora. Obstinada e cruel.

Procurou um cigarro com um gesto mecânico, lembrou-se pela décima vez que não podia fumar numa carruagem Pullman, e depois puxou um na mesma. Bateu com ele duas vezes no mostrador do relógio, viu as horas, 17h12, como se as horas tivessem alguma importância naquele dia, e entalou o cigarro ao canto da boca antes de aproximar um fósforo numa mão em concha. O cigarro substituiu o fósforo na mão, e fumou com inalações lentas e regulares. Os seus olhos castanhos desviavam-se repetidamente para a paisagem teimosa e fascinante do lado de fora da janela. Uma das pontas do seu co-

larinho estava puxada para cima. No reflexo que o crepúsculo começara a criar na janela, o ângulo do colarinho juntamente com o seu maxilar sugeria um estilo do século passado, tal como o cabelo negro que mantinha alto e solto no topo da cabeça, e aparado na nuca. O volume do cabelo e a inclinação do nariz davam-lhe um ar intenso e impetuoso, embora a sua boca e a fronte pesada e horizontal transmitissem repouso e reserva. Vestia umas calças de flanela que precisavam de ser engomadas, um casaco escuro que folgava sobre o corpo esguio, revelando vagos tons purpúreos onde a luz o atingia, e uma gravata de lã cor de tomate, atada com um nó negligente.

Não acreditava que Miriam levasse a gravidez até ao fim a não ser que o quisesse. O que significava que o amante estava disposto a casar. Mas porque é que o tinha chamado? Não precisava dele para obter um divórcio. E porque é que estava a repisar o mesmo terreno que pisara quatro dias antes, quando recebera a carta dela? Cinco ou seis frases, na caligrafia redonda de Miriam, dizendo apenas que estava grávida e queria vê-lo. A gravidez, pensou, garantia o divórcio, portanto qual o motivo do seu nervosismo? Atormentava-o a suspeita de que poderia, em algum recesso inatingível de si próprio, sentir ciúmes de ela vir a ter um filho de outro homem depois de já ter abortado um filho seu. Não, disse a si próprio, não era mais do que vergonha, a vergonha de um dia ter amado alguém como Miriam. Esmagou o cigarro na grelha do ventilador. A beata caiu-lhe aos pés, e ele pontapeou-a para debaixo do ventilador.

Havia tanto com que se ocupar daqui para a frente. O seu divórcio, o emprego na Florida — era quase garantido que a administração iria aprovar o seu projeto, esperava uma confirmação nessa semana — e Anne. Ele e Anne podiam começar a fazer planos. Há mais de um ano que esperavam ansiosamente que algo — *isto* — acontecesse, e que ele pudesse ser livre. Sentiu uma agradável explosão de felicidade dentro de si, e recostou-se confortavelmente no assento. Há três anos, na verdade, que esperava por isto. Podia ter comprado o divórcio, é claro, mas nunca conseguira poupar uma quantia suficiente. O início da carreira de arquiteto, sem a vantagem de um emprego a tempo inteiro, não fora fácil e ainda não era. Miriam nunca exigira um rendimento fixo, mas atormentara-o de outras maneiras, falando dele em Metcalf como se ainda estivessem juntos, e ele estivesse

apenas a procurar estabelecer-se em Nova Iorque antes de a chamar. Ocasionalmente escrevia-lhe uma carta a pedir dinheiro, quantias pequenas mas irritantes, que ele acabava por lhe enviar, pois seria tão fácil para ela, tão natural, começar uma campanha contra ele em Metcalf, onde a sua mãe ainda vivia.

Um jovem alto e louro, com um fato castanho cor de ferrugem, ocupou o lugar vago à sua frente deixando-se cair no assento, com um sorriso vago e amistoso. Guy observou o seu rosto pálido e diminuto. Havia uma borbulha enorme no centro exato da sua testa. Guy olhou novamente pela janela.

O jovem parecia hesitar entre entabular conversa ou dormir uma sesta. O seu cotovelo resvalava constantemente no caixilho da janela, e sempre que as pestanas gordas se abriam, um par de olhos cinzentos e raiados de sangue observava-o, e o sorriso sereno regressava. Era possível que estivesse embriagado.

Guy abriu o seu livro, mas a mente começou a divagar após meia página. Olhou para cima, para a fileira de luzes fluorescentes que faiscavam no teto da carruagem, e deixou o olhar vaguear até ao charuto apagado ainda a rodopiar descontraidamente numa mão osuda que repousava nas costas do assento, e depois até ao monograma dourado que estremecia na gravata ao pescoço do jovem sentado à sua frente. O monograma tinha as letras CAB, e a gravata era de seda verde, com palmeiras ofensivamente cor de laranja pintadas à mão. O esguio corpo cor de ferrugem estava agora vulneravelmente estendido, a cabeça inclinada para trás de tal maneira que a grande borbulha na testa parecia o cume de um vulcão. Era um rosto interessante, embora Guy não conseguisse explicar porquê. Não parecia novo nem velho, inteligente nem estúpido. Entre a testa estreita e convexa e o maxilar proeminente, havia uma cova degenerada, onde a boca se comprimia numa linha reta, e mais profunda ainda nas fossas azuis que sustentavam as pálpebras. A pele era tão macia como a de uma rapariga, quase cor de cera, como se todas as impurezas tivessem sido escoadas para alimentar a borbulha.

Por alguns momentos, Guy voltou à leitura. As palavras voltaram a fazer sentido e a sua ansiedade dissipou-se. Mas que pode Platão dizer perante Miriam, perguntou uma voz interior. A voz já lhe fizera a mesma pergunta em Nova Iorque, o que não o impedira de trazer

o livro, um velho manual de filosofia do liceu, uma indulgência para se compensar pela viagem que fazia. Olhou pela janela e, ao ver o seu reflexo, ajustou o colarinho torto. Anne estava sempre a fazer isso por ele. Subitamente sentiu-se indefeso sem ela. Ao mudar de posição tocou acidentalmente o pé do jovem adormecido, e observou fascinado as pestanas que dardejaram antes de abrir. Era como se aqueles olhos raiados o tivessem fitado o tempo todo, através das pálpebras.

— Peço desculpa — murmurou Guy.

— Ora essa — disse o outro. Endireitou-se e abanou a cabeça energicamente. — Onde estamos?

— A chegar ao Texas.

O jovem louro retirou do bolso um pequeno cantil dourado, abriu-o e ofereceu-o amistosamente.

— Não, obrigado — disse Guy. A mulher do outro lado do corredor, que não tirara os olhos do seu tricô desde St. Louis, olhou para eles quando a garrafa produziu um gorgolhar metálico.

— Para onde vai? — O sorriso era agora uma fina e húmida meia lua.

— Metcalf — disse Guy.

— Oh, bela cidade, Metcalf. Vai em negócios? — Piscou educadamente os seus olhos inchados.

— Sim.

— Que tipo de negócios?

Guy ergueu os olhos do livro com relutância: — Sou arquiteto.

— Não me diga? — Ostensivamente interessado. — Constrói casas e assim?

— Sim.

— Acho que não me cheguei a apresentar. — Ergueu-se parcialmente. — Bruno. Charles Anthony Bruno.

Guy deu-lhe um breve aperto de mão. — Guy Haines.

— Prazer em conhecê-lo. Vive em Nova Iorque? — O tom rouco, de barítono, soava a falso, como se falasse apenas para espantar o sono.

— Sim.

— Eu vivo em Long Island. Vou passar umas férias curtas a Santa Fé. Alguma vez estive em Santa Fé?

Guy abanou a cabeça.

— Uma bela cidade para relaxar. — Sorriu, mostrando dentes em mau estado. — A arquitetura é quase toda índia, penso eu.

Um revisor apareceu, com as mãos cheias de bilhetes.

— Esse lugar é o seu? — perguntou a Bruno.

Bruno recostou-se possessivamente no assento. — Tenho um compartimento privado, carruagem seguinte.

— A número três?

— Acho que sim.

O revisor foi embora.

— Estes tipos! — resmungou Bruno. Inclinou-se para a frente e olhou pela janela com um ar divertido.

Guy voltou à leitura, mas o intrusivo aborrecimento do outro, a sensação de que poderia dizer mais alguma coisa a qualquer momento, impediam-no de se concentrar. Guy pensou ir até à carruagem-restaurante, mas fosse lá por que motivo fosse permaneceu sentado. O comboio estava a abrandar. Quando parecia que Bruno ia falar, Guy levantou-se, foi até à carruagem seguinte e desceu os degraus, apeando-se antes de o comboio parar por completo.

O ar exterior que o anoitecer tornava mais pesado era como uma almofada, sufocando-o. Havia um cheiro a gravilha poeirenta e batida pelo sol, a óleo, a metal fervente. Sentia algum apetite e deixou-se ficar perto da carruagem-restaurante, de mãos nos bolsos, dando passadas largas, e inspirando profundamente o mesmo ar que lhe desagradava. Uma constelação de luzes vermelhas, verdes e brancas zumbiu através do céu, em direção ao Sul. Ontem, pensou, Anne tinha feito o mesmo, a caminho do México. Podia ter ido com ela. Ela queria acompanhá-lo na viagem até Metcalf. Podia até ter-lhe pedido para ficar um dia ou dois e apresentar-lhe a sua mãe, se não fosse Miriam. Ou mesmo, apesar de Miriam, se ele fosse outro tipo de pessoa, se conseguisse ser mais despreocupado. Tinha contado a Anne tudo sobre Miriam, quase tudo, mas não suportava a ideia de que se conhecessem. Tinha preferido viajar de comboio, sozinho, para poder pensar. E em que é que pensara até agora? De que adiantava o pensamento ou a lógica quando Miriam estava envolvida?

A voz do revisor anunciou a partida, mas Guy aguardou até ao último instante antes de subir para a carruagem.